

SANTO TOMÁS DE AQUINO: algumas boas razões para lê-lo¹

ST. THOMAS AQUINAS: some good reason to read him

Marcelo Neves OP (*)

RESUMO

Por questões de rigor, se fala, hoje, menos de tomismo e mais de estudos tomasianos. As duas coisas não coincidem. Uma coisa é Santo Tomás e seus textos, outra, bem diferente, é o comentário ou a interpretação que, no decorrer dos séculos, foi dada à sua obra. E lá se vão quase 800 anos de leitura, releitura e aprofundamentos. Este estudo propõe-se a apresentar razões por que se deve ainda hoje ler Tomás de Aquino.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia. Doutrina Sagrada. Ciência da Fé. Sabedoria.

ABSTRACT

In search of accuracy, we speak today in thomsonian studies more than in thomism. But the two things do not match. One is St. Thomas and his writings, another is the labor of comment or interpretation that in the course of the centuries was given to his works. And it means nearly 800 years of the readings and insights. This study aims to present reasons why you should still read Aquinas.

KEYWORDS: *Theology, Sacred Doctrine. Science of Faith. Wisdom.*

UMA QUESTÃO E UMA SURPRESA

Seja-nos consentido, de início, recordar um fato pitoresco no qual nos vimos, certa feita, envolvidos. Tendo sido procurados por um jovem que desejava informações sobre a vida dominicana e tentando oferecer-lhe, em poucas palavras, o sentido da vida e da obra de São Domingos, nos deparamos, de repente, com a seguinte pergunta: “Os dominicanos o fariam estudar Santo Tomás que, pelo menos, assim entendemos, era já superado?” A questão não poderia não nos surpreender, mesmo porque tínhamos sido um daqueles que,

(*) Doutor em Filosofia pela Unicamp e em Direito Canônico pela Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino – Angelicum – Roma, onde ocupa a cátedra de Filosofia do Direito e Direito Canônico. E-mail: neves@pust.urbe.it

¹Aos amigos Antonio Daud e Nora Salomão Daud que, desde sempre, perseveraram comigo em minhas fadigas.

entre os muitos teólogos contemporâneos, se debruçavam, com afincado e sincero interesse, sobre a obra de Santo Tomás, assim como na de tantos outros autores antigos, passando de Agostinho a Dionísio Areopagita, Tertuliano e Atanásio, e, como não lembrar, o próprio São Boaventura. Na época, tais leituras eram obrigatórias e havia a convicção de que fosse impossível chegar à teologia sem o contato direto com tais textos. Era algo incontestável e ninguém sentia-se incomodado com isso. No mais, o mesmo ocorria em âmbito filosófico: era convicção profunda de que seria impossível uma formação completa sem a leitura direta das obras de Platão, Aristóteles, Cícero e também Sêneca.

Em todo caso, foi sempre convicção comum entre nós, noviços, em tudo e, especialmente em teologia, de que a leitura dos grandes do passado não ofende nem empobrece. Não. A certeza era bem outra: lê-los para não repetir seus erros, naquilo que erraram e lê-los, ainda, para levar adiante os seus acertos, naquilo que acertaram. Como diria o mesmo Santo Tomás: “A verdade não muda” e, por este motivo, não se deve temer nem deixar de ouvir os que a buscarem, ainda que a tenham somente vislumbrado. Como veremos, o espírito era ditado pelo próprio Santo Tomás quando dizia que, nessa matéria, o pouco ou o quase nada vale muito mais do que o muito adquirido com a evidência das então chamadas ciências naturais. Eis o espírito: ouvir a todos e com todos debater para com todos e de todos, pelo menos em parte, um pouco de verdade alcançarmos. Não é por acaso que a teologia litúrgica católica sempre denominou o erro, trevas e a luz, verdade. Buscá-la, superando a fadiga dos que nos antecederam, é chegar à luz. Na iconografia tomasiana, o vemos, sempre, com o sol no peito; o sol da Eucaristia da qual foi incomparável amante e cantor; o sol da inteligência humana que é capaz de superar a treva do erro e do engano. Conheci muitos, dizem ter dito Agostinho, que amam enganar, mas nunca ouvi falar de um só homem que gostasse de ser enganado (verdade ou não, o teor dessa frase se encontra bem delineado em *Contra acadêmicos*). Mas dizíamos e acreditávamos que o que muda é a compreensão que dela temos, a forma mais ou menos sutil como dela nos aproximamos, os preconceitos que nos impedem de vê-la e nela viver. O tempo presente, assim como o passado mudam, mas o verdadeiro não muda e, ainda, nos une, humaniza-nos e acomuna-nos. Os homens se reúnem por dois motivos: para eliminar e flagelar o inimigo ou para se renderem, juntos, à luz da verdade. Ela é um esplendor, quando descoberta e o ofício de todo sábio (que está, aqui, para teólogo) é buscá-la, sabendo que é uma pessoa: Cristo. Ignorar as Escrituras, diria São Jerônimo, é como

ignorar a Cristo; mas ignorar a Cristo, diria Santo Tomás, é como ignorar a “vida, pois “Cristo é o livro da vida”. Situemos Santo Tomás para desconstruir a falsa imagem que dele, por vezes, por simples ouvir, forjamos. Faremos isso, recorrendo a duas imagens, a nós, particularmente caras.

EXPLICANDO-NOS POR MEIO DE IMAGENS

Na Igreja Del Gesù, em Roma, nos deparamos com duas grandes estátuas que representam a fé que desfaz o poder das trevas. Numa delas, a fé, leva, na mão, o flagelo, o açoite. É algo espantoso e quase incompreensível para a nossa atual sensibilidade. Noutra estátua, a fé leva, na mão, um Cálice com uma hóstia que sugere a Eucaristia, mas, ao mesmo tempo, o próprio sol: a luz. As duas imagens são perfeitas representações do ofício do teólogo nos tempos de Santo Tomás (o que será que mudou tanto em nossos dias ou se faz menos necessário?): ou ele açoita o erro, ou ele ilumina, com sua pesquisa, as trevas da mente e de toda a existência. Não há, aqui, nenhum tipo de mau gosto ou presumida crueldade: o erro nos faz menos humanos e é por isso que, com todas as forças, com os açoites de que dispomos, é que devemos, contra ele, lutar. Mas, visto que os homens se sentem mais à vontade com o que é apetecível e doce, iluminamos, na medida de nossas forças, as sombras que obnubilam nosso caminho de peregrinos neste mundo, com Aquela Luz que provém do “cordeiro de Deus” que tira o pecado do mundo. Por vezes, somos repreendidos, por vezes, somos exortados, mas sempre, de um modo ou de outro, nos corrigimos ou, pelo menos, temos a possibilidade de fazê-lo.

Na Igreja de Santa Maria Sopra Minerva, nos deparamos com uma belíssima representação de Santo Tomás. Nela, na pintura, nas cores do tablado e da tela, estão ditas, de forma imediata e sem pudores, em que consistia, a seu tempo, ser um teólogo. Ele disputava, para chegar à verdade; ele se iluminava quando, pouco ou muito, a alcançava. Nos pés de Santo Tomás, está um livro que indica o estudo, a fadiga de lutar com os que pensam a contemplação, o ardor por Aquele que é e só é o Verdadeiro livro: Cristo. O teólogo se apóia em Cristo e, por estar nele ancorado, participa de sua vida e da sua luz. Se o açoite espanta (mas Jesus o usou), a luz alivia, o estudo restaura e o empenho no debate nos conduz não a uma simples e inútil conversação, mas ao verdadeiro, ao bom, ao justo, ao deleitável. É mais doce (mas não mais fácil) iluminar; mas, antes, é preciso lutar com as idéias, com as incompreensões, com os prejuízos,

com a alma dividida, com a vida contraditória, com o engano que se faz passar por verdade, com o falso que se apresenta como sendo o justo, com a morte que se faz chamar vida; e contra vida Severina! Contra, diria Santo Tomás, o duplo erro no qual nascemos: “o do pecado e o da ignorância” (*Prima di studiare, di scrivere e di predicare*. Bologna. ESD: 332, tradução nossa). Acrescentemos: “[...] não divagar em tudo; não deixar de imitar os exemplos dos santos e dos bons; não olhar para quem fala, mas conservar na mente tudo o que de bom ele diz; procurar entender o que lê e escuta” (*Lettera di Tommaso a uno studente*. Bologna: ESD, p. 334, tradução nossa).

TEOLOGIA NÃO É ERUDIÇÃO, MAS NÃO A EXCLUI: É CIÊNCIA DA FÉ E SABEDORIA

Certo é que a teologia não é nem nunca foi uma questão de simples erudição. Quem diz isso é o próprio Santo Tomás em sua *Suma contra os gentios*: é, antes de mais nada, um chamado, uma vocação. Como ele mesmo evidencia: “O estudo da sabedoria é o mais perfeito, sublime, proveitoso e alegre dentre todos os estudos humanos. É, certamente, mais perfeito porque o homem, quando se entrega ao estudo da sabedoria, possui já, de alguma forma, a bem-aventurança”. Mas isto não é tudo. Ele acrescenta: “Mais útil, pois a sabedoria é o caminho para se chegar ao reino da imortalidade [...] mais alegre, pois não é [a sabedoria] amarga sua conversação, nem dolorosa sua conveniência, mas alegre e gozosa.” Entre outras coisas, reafirma: “É o mais sublime [estudo], pois, por meio dele, o homem mais se assemelha a Deus; e como a semelhança é causa do amor, o estudo da sabedoria une [o estudioso] a Deus por amizade[...].” Para quem não conhece Santo Tomás e para quem sente, em relação a ele, qualquer tipo de preconceito, palavras e expressões como estas, cheias de poesia e de uma leveza quase sobrenatural, podem surpreender. No entanto, é assim que ele vê a função do sábio e é esta a razão, insiste, de toda a sua vida: “Confiando, pois, na piedade divina, decidimos prosseguir com o ofício do sábio, ainda que supere as nossas forças” (Madri: BAC. Liv. I, Cap. II).

A TEOLOGIA NÃO SE IMPROVISA: EXIGE RIGOR

Contudo, a teologia necessita, sempre, de uma linguagem rigorosa e esta linguagem só pode ser buscada, em primeiro lugar, entre os clássicos, numa metafísica sólida, num conhecimento bem fundamentado, numa razão

menos débil; mas nisso não há nenhum preconceito em relação ao que é contemporâneo (observamos que Santo Tomás fala aos seus contemporâneos e que toda época é nova para quem nela vive. A sua teologia responde às exigências do seu tempo; é uma catedral gótica de meditação, palavra e oração). Mesmo se nem toda filosofia se ajusta a Deus ou está à altura do falar de Deus, no mínimo, poderá instigar, fazer mover a inteligência da fé e purificá-la em sua crítica, por vezes, intencionalmente destrutiva; em termos antigos, como no caso das heresias (a heresia é entendida por ele como pecado contra fé. Ela pode ser “material”, ou seja, fruto de uma distração, ou “pertinaz”, ou seja, fruto de arrogância e falta de humildade naquele que, ao invés de se dispor a aprender com a revelação, entende ensinar a Deus o que ele deveria dizer). Neste último caso, nos encontramos diante de uma opinião que deve ser contrastada: não haveria, ao mesmo tempo, progresso na compreensão ou aprofundamento da fé: “deve-se dizer que está fora da intenção dos hereges a utilidade proveniente das heresias, a saber, submeter à prova a constância dos fiéis e livrar da preguiça, examinando, com mais solicitude, as divinas Escrituras, como ensina Agostinho” (II-II, q. 2, a. 3, ad 2). No apresentar “as razões da fé”, encontra-se o princípio de toda a teologia, seja ela embrionária (a do simples crente), seja ela mais desenvolvida como a do catequista, seja ela científica e rigorosa como aquela que se estuda na escola ou universidade (científica).

A TEOLOGIA NADA EXCLUI: NÃO TEM COMPLEXOS

Em todo caso, ninguém ou realidade alguma, com sua carga teórica e existencial, *a priori*, está ou pode se considerar à margem da teologia. Como diria Santo Tomás: “Deve-se dizer que a doutrina sagrada não trata de Deus e das criaturas do mesmo modo; de Deus, em primeiro lugar, e, das criaturas, enquanto se referem a Deus; seja como princípio delas, seja como fim” (I, q. 1, a. 3, ad 1). O teólogo nada descarta, mas tudo analisa à luz da ciência divina, ou seja, do conhecimento que Deus tem de si mesmo e que, em sua bondade, desejou revelar-nos. A teologia tem seus limites (é subalterna). Não é fundamento de si mesma e nem se justifica fora de outra ciência:

[...] ela procede à luz de princípios conhecidos, à luz de uma ciência superior, a saber, da ciência de Deus e dos bem-aventurados” (I, q. 1, a. 3 c). Porque procede do alto, deve ser pedida; e, visto que imprime no que a exerce uma semelhança com Deus, deve ser sentida e amada como pura gratuidade: “Dai-me, Senhor, uma inteligência que

te conheça; um zelo que te procure, uma sabedoria que te encontre, um estilo de vida que te agrade, uma perseverança que confie e uma segurança que, no final, te abrace”
(*Per regolare la vita con sapienza. Bologna: ESD, p. 331*)

Contudo, voltando ao início deste nosso estudo de caráter quase coloquial, não vem ao caso insistirmos tanto em uma experiência pessoal. O importante é dizer que, naquela ocasião precisa, fomos tomados por uma estranha sensação diante da questão ou do perigo que representava, para o jovem, ter de se tornar tomista, ou seja, um discípulo de Santo Tomás. Disfarçamos a nossa surpresa e deixamos de comentar o fato de que, há tempos, nem mesmo os dominicanos usam o termo tomista. Aliás, entre eles, que bem dataram a obra e os feitos de Santo Tomás, por questões de rigor, se fala, hoje, menos de tomismo e mais de estudos tomasianos. As duas coisas não coincidem. Uma coisa é Santo Tomás e seus textos, outra, bem diferente, é o comentário ou a interpretação que, no decorrer dos séculos, foi dada à sua obra. E lá se vão quase 800 anos de leitura, releitura e aprofundamentos.

TEOLOGIA NÃO COMBINA COM PRECONCEITOS OU AFIRMAÇÕES QUE NÃO PODEM SER DEMONSTRADAS

Em todo caso, sem refletir, nos veio, espontaneamente, à memória o texto do Concílio Vaticano II que, no Decreto *Optatam Totius* n. 16, recomenda expressamente o método e o estudo de Santo Tomás. Não se trata de exclusividade. A teologia contém uma legítima pluralidade e Santo Tomás, com certeza, seria o primeiro a reconhecer isso. Ainda que tenha sido usado como defesa da ortodoxia, se isso foi bom ou mal, não temos condições de avaliar. Em todo caso, é certo que ortodoxia e rigor metodológico, pelo menos no campo da teologia, não são vícios, mas virtudes. Ao que parece, ninguém é teólogo porque conhece o Catecismo ou porque lê o Denzinger; contudo, uma teologia à margem ou contra tais documentos seria, no mínimo exótica. Digamos: uma teologia não contextualizada eclesialmente; mais precisamente, uma teologia católica, isto é, que tem como ponto de partida os artigos da fé propostos pela Igreja e que são, a seu modo, uma síntese de toda a Revelação contida nas Escrituras e na Tradição:

[mas os artigos da fé admitem dúvidas]. Devemos dizer que nada impede que aquilo que é mais certo por sua natureza seja, para nós, menos certo devido à fraqueza de nosso intelecto [...] A dúvida que pode surgir em alguns a respeito dos artigos da fé não deve ser atribuída à incerteza das coisas, mas à fraqueza do intelecto humano. Apesar disso, o menor conhecimento relativo às coisas mais elevadas é mais desejável do que a ciência muito certa das coisas menores (I, q. 5, a. 6, ad 1).

Dito de outra forma, a ciência teológica, ainda que difícil e árdua, é mais salutar do que a mais fácil certeza obtida por meio das ciências humanas. Em todo caso, “É a mais certa, porque as outras [ciências] recebem sua certeza da luz natural da razão humana, que pode errar; ao passo que ela recebe a sua, da luz da ciência divina, que não pode enganar-se” (I, q. 5, a. 6, c). Porém, não existe, aqui, pelo menos na perspectiva tomasiana, nenhuma concorrência ou desleal desprezo para com o que é humano; realmente humano! “A graça não suprime a natureza, mas a aperfeiçoa”. (I, q. 1, a. 8, ad 2).

Os termos “ciência” e “sabedoria” não nos devem impressionar. Quando aplicados, como faz Santo Tomás, na “sacra doutrina”, possuem um significado preciso e rigoroso. De fato, a teologia é ciência enquanto é, ao mesmo tempo, “subalterna” à ciência certa dos bem-aventurados: “É desse modo que a doutrina sagrada é ciência; ela procede de princípios conhecidos à luz de uma ciência superior, a saber, da ciência de Deus e dos bem-aventurados” (I, q. 1, a. 2, c). Ao mesmo tempo, é “sabedoria”, ou seja, “A sabedoria é prudência para o homem”. Por conseguinte, quem considera simplesmente a causa suprema de todo o universo, que é Deus, merece por excelência o nome de sábio”.

Ora, a doutrina sagrada trata muito propriamente de Deus enquanto causa suprema; a saber, não somente do que se pode saber por intermédio das criaturas, e que os filósofos alcançaram... mas também do que só Deus conhece de si mesmo, e que é comunicado aos outros por revelação. Assim, a doutrina sagrada merece por excelência o nome de sabedoria (I, q. 1, a. 6, c).

CIÊNCIA E SABEDORIA: *SUI GENERIS*

Não resta dúvida: pelo fato de ser ciência, deduzimos que a teologia é dependente de uma ciência superior e, portanto, limitada, e nunca absolutamente autônoma. Por sua vez, por ser “sabedoria”, é um esforço, igualmente humano, de considerar todas as coisas à luz da Revelação divina. O teólogo aparece, assim, como um sábio e, ao sábio, compete

ordenar e julgar; o julgamento de coisas inferiores se faz mediante uma causa mais elevada; assim, o sábio, em qualquer gênero é aquele que toma em consideração a causa suprema desse gênero. Tratando-se da vida humana em seu conjunto, o homem prudente será chamado sábio quando ordenar os atos humanos ao devido fim . (I, q. 1, a. 6, c).

Mas sobre esta questão e pensando nas dificuldades do antigo interlocutor, urge uma ulterior observação: a “sacra doutrina”, como o nome mesmo indica, é “ciência” e “sabedoria” da fé. Pois bem, segundo Santo Tomás, os atos próprios do teólogo não são, com toda evidência, possíveis a todos: os homens encontram-se, normalmente, dispersos entre muitos afazeres. Contudo, a “fé” é acessível a todos e, deste modo, sobretudo, se seguida (como é) do dom da sabedoria (os dons do Espírito aperfeiçoam as virtudes teológicas: as potencializa), até mesmo uma velhinha inculta, pelo fato mesmo de crer e ser agraciada pelos dons divinos, pode ser, em matéria “teológica” (na sua fé), infinitamente mais madura e sensata do que um teólogo:

De fato, para que o homem possa viver retamente, é necessário que conheça as regras fundamentais da retidão. Mas se tivesse que aprendê-las todas por meio do estudo, ou nunca conseguiria ou o conseguiria somente depois de muito tempo. A fé, pelo contrário, ensina tudo aquilo que é necessário saber para uma vida reta; ensina que existe um só Deus que premia os bons e castiga os maus, que existe outra vida e outras coisas semelhantes em virtude das quais somos atraídos ao bem e afastados do mal: de fato, está escrito que “o justo viverá da fé”(Ab 2, 4). E isto se confirma no fato de que, antes da vinda de Cristo, nenhum sábio, apesar de todos os seus esforços, conseguiu conhecer aquele pouco de Deus e das coisas necessárias para a obtenção da vida eterna; mas depois da vinda de Cristo, isto é conhecido, por fé, até por uma velhinha. Por este motivo, diz o profeta Isaías: “a sabedoria do Senhor encheu a terra” (Is 11, 9). (Comentário ao credo. Prólogo. Bologna: ESD, n. 3, tradução nossa).

TEOLOGIA NÃO SE OPÕE À POESIA:

É TRATAR COM O INEFÁVEL POR MEIO DE FIGURAS

Quem poderia imaginar que um silogismo da *Suma Teológica* de Santo Tomás, apresentado, numa pregação, com termos tão singelos, pudesse se tornar conhecido por todo o povo. De fato, o texto que acabamos de citar é parte de uma de suas incontáveis pregações ao povo humilde que não lia, mas conhecia, por meio dos vitrais das catedrais, os mistérios da fé e, sobretudo, tinha bom ouvido e boa disposição para ouvir. O bom teólogo, neste caso, revela-se, ao mesmo tempo, um bom pedagogo, um ótimo pregador e um excelente

mistagogo. Também nisto, pensava, corretamente, o Concílio Vaticano II ao recomendar, explicitamente, a leitura e o método de Santo Tomás, o “doutor comum”. Lemos, na *Suma Contra os Gentios* (ou, mais apropriadamente, “da exposição da verdade católica”):

Ignoramos muitas propriedades das coisas sensíveis e, na maioria das vezes, não podemos falar com precisão sobre as coisas que aprendemos por meio dos sentidos. É muito mais difícil, pois, para a razão humana descobrir toda a inteligibilidade da substância perfeitíssima de Deus [...] Portanto, não se deve rechaçar, como falso, tudo o que se afirma sobre Deus, mesmo se a razão humana não pode descobri-lo (Liv., I, c. III).

E, no seu *Comentário ao Credo*, volta a dizer (ao povo):

Esta dificuldade pode ser percebida refletindo sobre os limites do nosso intelecto. De fato, se o homem pudesse conhecer perfeitamente todas as coisas visíveis e invisíveis, seria estulto crer nas coisas que não vemos. Mas o nosso conhecimento é limitado; haja vista que nenhum estudioso conseguiu, nunca, chegar a um perfeito conhecimento sobre a natureza de uma mosca... [assim sendo] De certa forma, pode-se responder que, se um homem não quisesse aceitar por verdadeiras senão as coisas das quais faz experiência [sensível], seria para ele impossível viver neste mundo... Portanto, é necessário que o homem confie na palavra de outro homem quando não pode, a respeito de determinadas coisas, ter um conhecimento direto (Prólogo: n. 1. 3, tradução nossa).

NÃO EXISTE TEOLOGIA SEM ESTUDO

Mas tais considerações não nos devem levar ao extremo de desmerecer o estudo e sua função em campo teológico (voltaremos a isso mais adiante). No momento, basta pensar que a fé sobrenatural, ou seja, divina e católica (Revelada e proposta pela Igreja para ser crida pelos fiéis) é, ao mesmo tempo, o princípio e fim da teologia. Melhor dizendo, a teologia, se de teologia se trata, parte da fé, para voltar à fé: amadurecendo-a, enriquecendo-a e aprofundando-a. É também, nesse sentido, que a teologia é um serviço a toda a Igreja: é fé amadurecida, oferecida à comunidade dos crentes. Contudo, o parâmetro para que a Igreja possa assumir e fazer sua uma determinada reflexão teológica não depende do gênio do teólogo ou do número dos volumes que publica independentemente do louvor dos discípulos que consegue reunir em torno de si, mas precisamente, da sua capacidade de aprofundar a “fé”, de pensar em sintonia com ela e não contra ela ou à margem dela. Nesse ponto, a julgar, é a Igreja. Portanto, nem toda teologia é serviço eclesial, pois nem toda reflexão corres-

ponde, embora pretenda usar o título de teológica, ao conteúdo e ao sentido da fé do conjunto dos fiéis, pastores e grei. Eclesial é somente aquela reflexão que retrata a mente, o coração, a Tradição viva da Igreja como um todo, isto é, como “Cristo total”: Corpo de Cristo. Embora o pouco que conhecemos de Deus seja mais importante, do ponto de vista da salvação eterna, do que o muito que as ciências empíricas podem nos oferecer, isto não significa que a razão ou que o intelecto humano deva ser deixado de lado ou desconsiderado. Seja a fé, seja a teologia, embora se componham também de afeto, e sejam um movimento “saboroso” de amor (termos usados por Santo Tomás no descrever o dom de sabedoria), não devemos esquecer que uma e outra são, também, conhecimento e exercício do intelecto. De fato, retomando Aristóteles, Santo Tomás afirma em seu *Da unidade do intelecto*:

*Como por natureza todos os homens desejam conhecer a verdade; assim, em todos, está presente o desejo natural de fugir do erro e refutá-lo, quando possuem a capacidade. Entre os vários erros, o mais desprezível parece ser aquele que se refere ao intelecto, por meio do qual podemos conhecer a verdade ou somos levados a ela, uma vez que evitamos os erros (*Unità dell'intelleto*. Milano: Bompiani, 2008: c, 1, 1).*

É BOA COISA SABER DISTINGUIR, MAS SEM CONTRAPOR

Existe uma distinção entre o conhecimento obtido por meio da razão e o que nos é dado por meio da fé. Santo Tomás não é nem um frio racionalista nem um fideísta fundamentalista. Existe, e não é somente uma hipótese, uma ignorância culpável; dito de outra forma, é um não querer saber por preguiça ou por conveniência. Na sua perspectiva, nada como a fé (e a teologia que dela procede) envolve todas e as melhores faculdades humanas, a começar da razão. Contudo, não existe, pelo menos no entender de Santo Tomás, entre fé e razão, contradição ou oposição. O dado revelado é alcançado em seu íntimo por vias diferentes, mas sempre complementares. Muitos começaram a crer, partindo dos conhecimentos que tinham ou possuíam da filosofia antiga (os primeiros Padres da Igreja, em sua maioria, eram filósofos); outros chegam à fé, visto que nem todos podem estudar e possuem o tempo necessário para isso, por meio da revelação e graças a ela (no dizer de Santo Tomás, necessária para que os homens não se perdessem em seus “vãos” e por vezes “inúteis”

raciocínios). Não só: para que com mais precisão e segurança alcançassem o fim sobrenatural a que são destinados; por fim, outros chegam ao coração de Deus por meio de uma espécie de afinidade ou “conaturalidade” que é um dom próprio do Espírito Santo que segue a virtude da caridade. Pois bem, a teologia é aprofundamento da fé por meio do estudo (o que não significa que não tome em consideração o amor (isto é, tenha uma dimensão prática: fazer santo o teólogo) assim como ensinava São Boaventura e, antes dele, de toda a teologia monástica. Pensemos em São Bernardo de Claraval que, aliás, com muita propriedade, chamava de “unção”). O fim da teologia é conduzir o fiel à vida bem-aventurada, ou seja, à união com Deus. Com isso, não se despreza o valor do estudo, mas somente se alerta para o caso de uma razão arrogante (basta lembrar a disputa entre Abelardo e Bernardo) que pretende, sozinha, ser a explicação do todo da existência, do que há acima ou abaixo do céu. Na perspectiva tomasiana, a tônica deve ser dada ao intelecto, isto é, ao estudo seguido e precedido, sempre, pela oração e profunda intimidade com Deus. A teologia é “contemplação que se desdobra em transmissão do contemplado: “Contemplari et contemplata aliis tradere” (diz o projeto dominicano ao qual Santo Tomás, livremente, aderiu).

Assim sendo, também, sob este aspecto, encontramos um teólogo muito mais disposto à conciliação (sem falsos irenismos ou sincretismos) do que propriamente se comportando como militante e sempre do contra. De fato, sobre esta questão, a *Suma Teológica* continua um texto paradigmático: por um lado, não despreza nenhum parecer, por outro lado, os analisa, a todos, a partir da Revelação (é teólogo) e tudo isso sem deixar, ao contrário do que normalmente se pensa (é frio e impessoal o seu discurso), de dar o seu pessoal parecer ou a sua contribuição. Mas tornemos à *Suma Teológica*:

Até com relação ao que a razão humana pode pesquisar a respeito de Deus, era preciso que o homem fosse também instruído por revelação divina. Com efeito, as verdades sobre Deus, pesquisadas pela razão humana, chegariam apenas a um pequeno número, depois de muito tempo, e cheias de erros. Assim, para que a salvação chegasse aos homens, com mais facilidade e maior garantia, era necessário fossem eles instruídos a respeito de Deus por uma revelação divina. Portanto, além das disciplinas filosóficas, que são pesquisadas pela razão, era necessária uma doutrina sagrada, tida por revelação (I, q. 1, a. 1, c).

O QUE PRODUZ, EM NÓS, A TEOLOGIA E O QUE PODEMOS DIZER A RESPEITO DE DEUS?

Mas urge ainda outro esclarecimento que, se fosse sempre feito (se existisse verdadeiro estudo), muitos complexos e preconceitos em relação ao teólogo do século XIII seriam desmontados: o primeiro é que, nenhum discurso teológico teria sentido se o homem fosse destinado a um fim somente terreno. Aliás, a bem da verdade, se o homem não tem um fim a perseguir e se tudo começa, mas termina no nada, não faria sentido nem mesmo perguntar, estudar e filosofar. Ninguém pergunta para não obter uma resposta e ninguém vai à escola para não aprender. A teologia não é uma resposta a uma pergunta não feita; nasce de uma exigência da fé que é, além de dom, profundamente humana. Assim, a teologia é a “sabedoria” dos buscadores de Deus e, como diz Santo Tomás, nos faz experimentar, já, um pouco do que normalmente chamamos vida bem-aventurada: vulgo céu. Assim,

Era necessário existir para a salvação do homem, além das disciplinas filosóficas, que são pesquisadas pela razão humana, uma doutrina fundada na revelação divina, porque o homem está ordenado para Deus, para um fim que ultrapassa a compreensão da razão... Ora, é preciso que o homem, que dirige suas intenções e suas ações para um fim, antes conheça este fim. Era, pois, necessário para a salvação do homem que estas coisas que ultrapassam sua razão lhe fossem comunicadas por revelação. (I, q. 1, a. 1, c).

Em segundo lugar, o teólogo não detém o domínio do divino. Deus é “sujeito” da teologia e não o “objeto” (no sentido de coisa) que o homem, pensando dominar, pode, facilmente, manipular. A Deus se chega, em primeiro lugar, por *via remotiois*, isto é, *apofática*. Dito de outra forma, o teólogo começa excluindo, em Deus, o que Ele não pode ser. De fato, é mais fácil saber o que Deus não é, do que o que Ele é: “falta investigar como [Deus] é, a fim de saber o que ele é. Mas, como de Deus só podemos saber o que Ele não é, e não o que é, não se trata tanto de considerar como Ele é, quanto como não é” (I, q. 3, Prólogo). Nesta mesma linha e como uma delicadeza ímpar, poderíamos tomar em consideração a terceira parte da *Suma Teológica* dedicada à Cristologia. O problema está precisamente nisso: é mais fácil saber o que Deus não é do que dizer e conhecer o que Ele não é; porém, Deus deu-se a conhecer por meio de uma Revelação e esta Revelação é definitiva. Ora, então podemos, com todo direito, fazer ou tecer uma teologia não só negativa, mas também positiva. O raciocínio não é sem fundamento e temos a impressão de

que Santo Tomás não discordaria dele; contudo, mesmo em termos de uma teologia positiva, devemos saber que caminhamos em uma casa de cristal e que, nem neste caso, temos o domínio do mistério divino que permanece, sempre, uma surpresa. Este dado aparece claramente na pergunta levantada por Santo Tomás sobre o motivo pelo qual Cristo, Verbo Encarnado, nada deixou por escrito. A resposta é não só surpreendente, mas também, em tudo, pertinente com nosso argumento:

[...] a Cristo, como ao mais exímio dos doutores, convinha o melhor modo de ensinar; isto é, imprimindo o seu ensinamento no coração dos ouvintes... Se Cristo comunicasse seu ensinamento por escrito, os homens haveriam de pensar, a respeito de sua doutrina, que nada mais profundo haveria do que o contido na escrita. (III, q. 43, a. 4 c).

Em suma, Aquele que é, em virtude de sua Encarnação, o mais próximo, é, paradoxalmente, também distante e nunca poderemos dizer, a seu respeito: d'Ele sei tudo e o tenho sob meu controle. Nós o vemos sob os véus, diria Santo Tomás em seu ofício sobre a Eucaristia: “Na cruz, somente a divindade se escondia; mas aqui, ao mesmo tempo, se esconde a sua humanidade” (*Adoro Te devote*). E no *Pange lingua*: “O milagre nós não vemos, basta fé no coração”. O teólogo caminha sob os véus da fé.

NÃO HÁ TEOLOGIA SEM FÉ: TEOLOGAL!

Em terceiro lugar, a teologia é exposição da fé e, ao mesmo tempo, debate, confronto de idéias, que purifica e aperfeiçoa a mente e o coração (intelecto e afeto) de forma que possa conhecer e amar o que é verdadeiro. Neste sentido, são significativas as palavras que encontramos na *Suma Contra os Gêntios*: “[...] nos propomos manifestar, enquanto possível, a verdade da fé católica e eliminar os erros contrários (a ela) [...]”, contudo, num debate humano e, portanto, respeitoso, isto é, segundo as reais condições do interlocutor. Dito de outra forma: uma coisa é debater com quem crê, outra com quem não crê como nós, e outra, ainda, com quem não crê:

[...] assim, com os judeus, podemos disputar tendo presente o Velho Testamento, e, contra os hereges, fazendo uso do Novo. Mas estes [os que não são nem cristãos nem judeus] não admitem nenhum dos dois testamentos. Portanto, temos, [em relação a eles] de recorrer à razão natural, a qual todos estão obrigados a aceitar; mesmo quando, tratando-se de coisas divinas, possa falhar e ser falível”. (Madrid: BAC. Cap. II, tradução nossa) .

DEBATER SIM, MAS NÃO ANIQUILAR O INTERLOCUTOR

Porém, este “debater” tem uma razão de ser: em primeiro lugar, trata-se, segundo o dito de Pedro Apóstolo, de dar ou oferecer as razões da própria fé; em segundo lugar, embora não vise demonstrar a veracidade intrínseca do dado Revelado, pretende, no entanto, demonstrar a sua razoabilidade. Com outras palavras: crer não é ato irracional (é afeto, mas é, ao mesmo tempo, intelectão). Embora os mistérios da fé superem as possibilidades da razão (por exemplo, o mistério da Trindade ou, ainda, da encarnação do Verbo), isto não significa que sejam irracionais e que não possuam uma coerência interna ou elementos que justifiquem a adesão a eles. Prossigamos por partes: em primeiro lugar, a fé é, ensina Santo Tomás, em seu *Comentário ao Credo*, um ato plenamente humano e a graça o produz e sustenta: “Suponhamos que um mestre faça afirmações sobre uma matéria que é de sua competência e que um incompetente, que não tem condições de entendê-lo, o conteste. Ao contestador, deveríamos chamar de estulto” (n. 3). O estulto pode surpreender, mas não nos iludamos, dizendo coisas bem mais pesadas e, como se não bastasse, também falsas. O indivíduo seria estulto porque, por força mesmo das coisas, deve primeiro crer para, depois, confirmar o que recebeu por meio de qualquer confirmação empírica. O aluno ou crê ou não aprende. Aprende crendo, visto que não tem condições de confirmar tudo o que o Mestre ensina. Na *Suma Teológica*, Santo Tomás alude a outra questão não menos importante: o “debater” serve não só para fundamentar a racionalidade da fé e fazer ver que se trata de um ato humano (portanto, não desumano ou irracional), mas, ao mesmo tempo, para mostrar que ela não se apóia em “fábulas” e é sustentada por argumentos e sinais perfeitamente constatáveis e razoáveis: a fé é precedida pelos “preambulos fidei”; ou seja, por boas razões para crer. Ao teólogo, cabe mostrar esta razoabilidade da fé:

[...] portanto, deve-se dizer que a existência de Deus e as outras verdades referentes a Deus, acessíveis à razão natural, como diz o Apóstolo, não são artigos de fé, mas preâmbulos dos artigos. A fé pressupõe o conhecimento natural, como a graça pressupõe a natureza, e a perfeição, o que é perfectível. No entanto, nada impede que aquilo que, por si, é demonstrável e compreensível, seja recebido como objeto da fé por aquele que não consegue apreender a demonstração (I, q. 2, a. 2 ad 1).

TEOLOGIA E REVELAÇÃO: POR QUE FOI NECESSÁRIA UMA REVELAÇÃO?

Retomando o que anteriormente dissemos, muitos chegaram à fé passando pela filosofia. Neste caso, a filosofia, ou o que por meio dela é possível conhecer, serviu como “preâmbulo” (preparação) para a adesão sobrenatural da fé; outros, por falta de tempo ou por causa das inúmeras preocupações, não dispõem do tempo necessário para tal atividade. Para estes, de modo particular, ocorria uma Revelação: tanto mais justa e urgente quanto mais grave é a questão da salvação ou perdição eterna do homem. Por fim, como, no caso da velhinha inculta, mas que tinha mais intimidade com o mistério de Deus do que um teólogo de profissão, ao lado da caridade (o amor leva o amante a desejar conhecer sempre mais o amado e a identificar-se sempre mais com ele: o amante está todo no amado, diriam os antigos. Amando, nos transformamos no que amamos) é dado o dom da sabedoria que é um certo conhecimento “conatural” de Deus, isto é, não provindo do estudo, mas da intimidade e da afinidade com ele. Muitos místicos e doutores da Igreja são místicos e doutores por causa desta fina forma de penetração no mistério que é, por sua vez, dom do alto.

Em todo caso, a filosofia, com todo o seu aparato, é somente “preâmbulo”, isto é, deixa-nos na porta da fé. O que nos faz conhecer a Deus, enquanto Deus (melhor: *sub ratione deitatis*), na sua intimidade (como o mistério da Trindade, por exemplo), é a Revelação. Ora, a Revelação pode ser aprofundada de duas formas: ou por via do estudo ou por via conatural. No último caso, temos um dom do Espírito Santo que conduz os homens à Verdade toda inteira; no segundo caso, temos, propriamente falando, a teologia. Na *Suma teológica*, isto é descrito de forma admirável: “A partir dos conhecimentos naturais, de onde procedem as outras ciências, nosso intelecto é mais facilmente introduzido nos objetos que ultrapassam a razão” (I, q. 1, a. 5, ad 2). Mas não só. Ela diz ainda que:

[...] o julgar é próprio do sábio [...] pode-se julgar por *inclinação*: como quem possui o *habitus* virtuoso julga com retidão o que deve ser feito na linha deste *habitus*, estando já inclinado neste sentido... Mas existe outra maneira de julgar, a saber, **por conhecimento**: como o instruído em ciência moral pode julgar os atos de uma virtude ainda que não a possua. A primeira [forma] de julgar quanto às coisas divinas é própria da sabedoria, dom do Espírito Santo; a outra maneira de julgar pertence a esta doutrina [a teologia] e é conseguida **pelo estudo**, ainda que seus princípios lhe venham da revelação” (I, q. 1, a. 6, ad 3. O itálico pertence à edição por nós usada, o destaque é nosso).

O teólogo, com sua teologia, busca conhecer o que já crê: *Credo ut intelligam, intelligo ut credam*, dizia Santo Agostinho.

FILOSOFIA OU TEOLOGIA?

Non aristotelice, sed piscatorie. Esta antiga expressão, usada para indicar que os primeiros cristãos, ainda que filósofos, falavam a partir do testemunho dos pescadores, isto é, dos Apóstolos, e não de Aristóteles, pode ser, a seu modo, muito útil para explicar a relação ou questão aristotélica em Santo Tomás: ele é um “pescador” que conhece a linguagem de Aristóteles, a usa e corrige. Porém, antes de aprofundarmos melhor a questão e buscarmos solução ou explicação para ela, urge ter presente duas coisas. Ambas nos ajudarão a redimensionar a idéia do “batismo” de Aristóteles para melhor ler e entender os textos de Santo Tomás: em suma, a superar uma etiqueta. Quanto ao fato de que Aristóteles fosse um desafio, não discutimos, pois é fato indiscutível. Assim sendo, em primeiro lugar, observamos que, lendo a *Suma Teológica*, percebemos logo que ela possui uma estrutura cíclica. Esta estrutura não é aristotélica, mas, segundo os especialistas, é de origem neoplatônica². Em Segundo lugar, constatamos que, entre os autores mais citados, encontram-se aqueles (a começar de Agostinho) que tinham uma postura também neo-platônica, por exemplo, Dionísio Arcopagita e João Damasceno. Pois bem, o ritmo cíclico da *Suma Teológica* aparece claro nos seguintes termos: saímos de Deus e para Deus voltamos. O caminho do retorno é a Santa Humanidade de Jesus Cristo. Nas palavras de Santo Tomás:

O objetivo principal da doutrina sagrada está em transmitir o conhecimento de Deus não apenas quanto ao que ele é em si mesmo, mas também enquanto é princípio e o fim das coisas, especialmente da criatura racional... No intento de expor esta doutrina, havemos de tratar: 1. de Deus; 2. Do movimento da criatura racional para Deus; 3. Do Cristo, que, enquanto homem, é para nós o caminho que leva a Deus. (I, q. 2. Prólogo.)

O LUGAR DE ARISTÓTELES

Diz-nos a respeito Inos Biffi, em um seu delicioso livro *La teologia e un teologo. San Tommaso d'Aquino*: “Não é verdade que Santo Tomás escute

² Ver TORREL, Jean-Pierre. *La summa di San Tommaso*. Milano: Jaca Book, 2003, p. 41.

somente Aristóteles e opte apenas por ele: nele, existe muito do Platão então disponível, de neoplatonismo... [por outro lado] Não é verdade que a teologia de Santo Tomás tenha simplesmente acolhido a filosofia de Aristóteles e, seja, portanto, helenizada”. Os motivos que levam Inos Biffi a fazer tais afirmações são três. Limitar-nos-emos, aqui, a descrevê-los no essencial: “Num primeiro momento, ele se preocupa com a história, ou seja, procura, podemos dizer, o “quid serint homines”: é o momento da escuta, quando, em sua humildade e inteligência, se preocupa com a pesquisa e com o escutar o que os outros disseram; o segundo momento, o mais profundo e difícil: “Ut profundius intentionem scrutemur”: é o momento em que, através da escuta, Tomás de Aquino vai em busca, para além da expressão, da intenção que transcende a expressão... [é um] momento libertador para Santo Tomás; nele, não importa a autoridade, mas a “verdade”; deixa a “intentio profundior” de um autor, porque o supera e vai em busca somente da “veritas rerum””. Não só. “É com este espírito que Santo Tomás se aproxima da cultura do seu tempo; faz a exegese de Aristóteles, importando-lhe menos o que dizia Aristóteles e mais o que deveria dizer, isto é, buscando a coerência, segundo os princípios por ele postos [é o momento teórico no qual os princípios da Revelação julgam a coerência da razão]”. (BIFFI, Inos. *La teologia e un teologo. San Tommaso d'Aquino*. Casale Monferrato: Pieme, p. 65-66).

VINHO OU ÁGUA?

A questão pode ainda ser tratada a partir de outro ponto de vista. Segundo sabemos, a São Boaventura, este intelectualismo tomasiano não agradava muito. Portanto, teria comentado que Santo Tomás não tinha transformado a água da filosofia em vinho da Sagrada escritura, mas, pelo contrário, tinha transformado o vinho em água. A essa provocação, Santo Tomás responde que: “Se aqueles que são chamados filósofos afirmaram, por vezes, algumas coisas verdadeiras e em consonância com a fé, não devem ser temidos, mas [estas verdades] devem ser tomadas deles, como se eles a possuíssem ilegítimamente [enquanto são] coisas nossas” (Milano. Bompiani. *Super Boetium Trinitatem*, 2, 3, 5). Acreditamos que essas breves considerações dizem muito sobre o modo comedido e crítico que faz o teólogo da filosofia, Aristóteles. Dito de outra forma, o primado é sempre dado à Revelação contida nas Escrituras e na Tradição vivente da Igreja. No tempo de Santo Tomás, ninguém chegava a

ser doutor em “sacra doctrina” (teologia), sem antes ter comentado a Sagrada Escritura, ou seja, sem antes ser “Maestro in sacra pagina”. De fato, na *Suma Teológica*, ele afirma que “deve-se dizer que a ciência sagrada pode tomar emprestada alguma coisa às ciências filosóficas. Não que lhe seja necessário, mas em vista de melhor manifestar o que ela própria ensina. Seus princípios não lhe vêm de nenhuma outra ciência, mas de Deus, imediatamente, por revelação” (I, q. 1, a. 5, ad 2, itálico nosso). Em suma, entre as fontes da “sacra doctrina” ocupa o primeiro lugar, a Escritura:

Segundo Agostinho, a pessoa culta, “ao falar, deve usar uma linguagem que ensine, que provoque prazer e que convença” para ensinar a quem não conhece, para dar prazer a quem tende ao desinteresse e para convencer a quem lentamente se persuade. A palavra da Sagrada Escritura possui estes três requisitos de forma absolutamente perfeita. De fato, ensina, com firmeza, sobre as realidades eternas com a sua verdade; por esta razão, o Sl 118, 89-90 diz: “A Tua palavra, Senhor, permanece para sempre”; sendo útil, favorece o prazer como está dito no Sl 118. 103: “Quanto são doces, nos meus lábios, as Tuas palavras”. Finalmente, convence eficazmente com a sua autoridade; como diz Jeremias 23, 29: “As minhas palavras, diz o Senhor, não são por acaso semelhantes ao fogo?” Portanto, tendo presente o que foi dito (cf. Br 4, 1), a Sagrada Escritura é louvada por três razões: 1) pela forma como convence, quando diz: “Este é o livro dos mandamentos de Deus”; 2) pela verdade eterna que ensina, quando diz: “É lei que subsiste para sempre”; 3) pela utilidade que proporciona, quando diz: “Todos os que a seguem obterão a vida” (Os sermões. 2ª Lectio inaugural. Introdução. Bologna: ESD, 2003)

Este primado, no entanto, não diminui o valor da filosofia que Santo Tomás desenvolveu ou existe em detrimento dela e, nem mesmo, de seus debates com os filósofos da sua época. Como tivemos ocasião de dizer anteriormente, as duas coisas são distintas, mas não se contrapõem. A título de exemplo e para concluir esta parte de nosso estudo, tomemos em consideração o que ele diz em seu *Da unidade do intelecto*: “Não se trata, aqui, de afirmar que esta posição seja errônea porque contrária à verdade da fé cristã; isto seria fácil para qualquer um. Pelo contrário, entendemos mostrar que esta posição é contrária aos princípios da filosofia, assim como o é aos da fé”. E, num momento de rara manifestação de irritação, Santo Tomás conclui seu discurso dizendo:

Estas são as coisas que nós escrevemos para debelar este erro, não por meio dos dogmas da fé, mas por meio das palavras e dos raciocínios dos filósofos. Se alguém, contando vantagem, quiser dizer alguma coisa contra o que nós escrevemos, não fale nas esquinas ou a rapazes que não estão em condições de julgar as coisas difíceis, mas, se tiver coragem, escreva contra este escrito e se encontrará comigo que sou [certamente] o último, mas não o único a opor-se ao erro e preencher as lacunas da sua [própria] ignorância. (§§ 1.120).

É inevitável, lendo estas páginas, não questionarmos sobre o nosso antigo interlocutor que tanto temia o tomismo (e Santo Tomás): será mesmo que quem lhe disse que ele era ultrapassado tinha lido estas páginas ou as conhecia? Ou não será que simplesmente falaram “nas esquinas” e aproveitando-se “dos que não estão em condições de enfrentar coisas difíceis?”. Mais. É à luz deste primado da Escritura, que melhor podemos entender, não como ruptura, mas em linha de continuidade, a recomendação que lemos no *Decreto Optatum Totius* n. 16 do Concílio Vaticano II quando diz: “Com particular diligência formem-se os estudantes no estudo da Sagrada Escritura, que deve ser como que a alma de toda a teologia” (*Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1969).

RETOMANDO O ARGUMENTO: A TEOLOGIA É UMA QUESTÃO VOCACIONAL

Vimos que a teologia, para Santo Tomás, é uma vocação. Conta-se que teria renunciado ao episcopado por causa da sua humildade. A razão é, no mínimo, estranha. De fato, o episcopado não é incompatível com a humildade; antes, muito pelo contrário. Somente quem tem uma clara visão de si, dos seus limites e virtudes, pode, na realidade aperfeiçoar os carismas e conduzir à unidade a comunidade eclesial. E o carisma episcopal é aquele que, superior a todos os outros carismas, leva-os à perfeição. No nosso modo de entender, a questão é menos complexa e não necessita de tantas voltas: renunciou ao episcopado para se dedicar àquela tarefa que considerou a razão de ser de toda a sua vida: o estudo da “sabedoria”, ou seja, da “sacra doutrina”. Mas qual era mesmo sua intenção ao escrever? Ou, qual era mesmo a motivação dos seus tratados? Impossível responder de forma exaustiva. Resta-nos, diante da enormidade da tarefa, contentar-nos com algumas pinceladas.

Começemos pela *Summa Teológica* que, em seu Prólogo, recorda o que poderíamos chamar de fragmentação do saber teológico (ausência de uma visão do todo):

[...]os noviços nesta doutrina encontram grande dificuldade nos escritos de diferentes autores, seja pelo acúmulo de questões, artigos e argumentos inúteis; seja porque aquilo que lhes é necessário saber não é exposto segundo a ordem da própria disciplina, mas segundo o que vai sendo pedido pela explicação dos livros ou pelas disputas ocasionais [...] No intento de evitar esses e outros inconvenientes, tentaremos, confiando no auxílio divino, apresentar a doutrina sagrada sucinta e claramente, conforme a matéria o permitir (Prólogo, destaque em itálico nosso).

Já, na *Suma Contra os Gentios*, além da busca da sabedoria (o que implica “ordenar” as várias disciplinas do saber teológico mostrando o que possuem em comum e o que as une), Santo Tomás tenta, concretamente, “contemplar a verdade do primeiro princípio e avaliar as outras verdades, assim como impugnar o que lhe é contrário”; ainda: “*possuir [antecipadamente], de alguma forma, a verdadeira bem-aventurança*”, manifestando, enquanto possível, “a verdade da fé católica e eliminando os erros contrários”. (c. I-II, destaque em itálico nosso).

O *Compêndio de Teologia*, que por razões de espaço, não pudemos comentar ou tomar em consideração neste trabalho, diz-nos algo de não menos importância, isto é, que a “sacra doutrina” é conhecimento, investigação, ensino, e busca daquele caminho através do qual obtemos a salvação: a santa Humanidade de Cristo.

Pois bem, o Senhor nos ensinou que aquele feliz conhecimento consiste em duas realidades: a Divindade da Trindade e a Humanidade de Cristo... Portanto, todo o conhecimento da fé se concentra nas duas verdades: a Divindade da Trindade e a Humanidade de Cristo. Isto não deve provocar nenhuma surpresa, visto que a Humanidade de Jesus é a via através da qual se chega à Divindade. Portanto, enquanto somos peregrinos, é necessário conhecer o meio pelo qual podemos alcançar o fim último [da nossa existência que é Deus]; e quando chegarmos na pátria [eterna], não poderemos agradecer suficientemente a Deus visto não termos conhecido suficientemente aquela via por meio da qual somos salvos” (Bologna: ESD, 1995, destaque nosso).

Ao comentar o tratado *Sobre a Trindade de Boécio*, entende superar, aprofundando a Revelação, o deficiente conhecimento que a razão humana obtém, sozinha, de Deus. Consideramos desnecessário insistir no fato de que é, de tal conhecimento, isto é, da fé, que depende a Salvação dos homens (Santo Tomás realmente acreditava):

O natural olhar da mente humana, oprimida pelo peso do corpo corruptível, não tem condições de fixar sua atenção na luz daquela verdade, por meio da qual todas as coisas são facilmente conhecidas. Uma vez que a vista, quando procura ver o que está distante, facilmente se engana, e aqueles que se esforçaram em conhecer a Deus a partir das criaturas caíram em muitos erros, Deus forneceu ao gênero humano outra forma de conhecimento, infundindo neles, por meio da fé, notícias a seu respeito” (Milano: Bompiani, 2007. Prólogo.)

Por meio da Pregação, o Senhor oferece um duplo alimento à sua grei: o primeiro, pode ser definido como cultural e diz respeito ao que de melhor se pode encontrar no pensamento humano. O segundo, que é o mais importante, é de ordem sobrenatural e consiste em distribuir e tornar conhecido

o pão das Sagradas Escrituras. Quanto ao primeiro, assim se expressa Santo Tomás: “consiste na doutrina dos filósofos. Isto está especificado na doutrina do profeta Habacuc quando diz que tinha levado o alimento aos semeadores no campo... Os semeadores são os filósofos... [que permitem conhecer] algumas verdades sobre a terra; é por este motivo que, em Romanos (1, 20), se diz: “Sua realidade invisível... tornou-se inteligível desde a criação do mundo, através das criaturas”. O segundo alimento é aquele que está contido nas Sagradas Escrituras. Santo Tomás o chama de ceia em virtude de sua excelência e superioridade:

A ceia é a refeição da Sagrada Escritura... A diferença entre a doutrina da Sagrada Escritura e a da filosofia consiste nisso: a doutrina da filosofia procede da criação, mas a doutrina da Sagrada Escritura procede da inspiração do Espírito Santo [quer dizer, do próprio Deus] (Homo quidam fecit cenam magnam. Bologna: ESD. 2003 p. 1-2, tradução nossa).

NA FÉ, ESTÃO INCLUÍDOS O ESTUDO E O SERVIÇO DEVIDO AOS HOMENS

Contudo, pelo menos na perspectiva tomasiana, o estudo ou a contemplação (teologia), por um lado, e a pastoral, por outro, concorrem, embora de diferentes formas, para o bem e salvação dos homens. Além do mais, não podem ser separadas da caridade. De fato, é o que lemos na *Suma Teológica*: “Portanto deve-se dizer que a vida contemplativa não se [refere] a qualquer amor de Deus, mas ao amor perfeito” (como dissemos, estamos longe de um teólogo frio).

[Ao passo que a vida ativa é necessária a qualquer amor do próximo]. Por isso, diz Gregório: “Sem vida contemplativa [vida interior] podem entrar na pátria celeste os que deixam de fazer o bem que podem; mas, sem a ativa, nela não podem entrar se descuidam de realizar as boas obras que estão ao seu alcance. Donde, também, se conclui que a vida ativa tem precedência sobre a contemplativa, assim como o que é comum a todos precede, na ordem de geração, ao que é próprio dos defeitos [...] Por conseguinte, os que são mais aptos para a vida ativa, podem, exercendo sua atividade, preparar-se para a contemplativa. E, por outro lado, os mais inclinados à vida contemplativa podem suportar as obras da vida ativa, a fim de preparar-se melhor para a contemplação (II-II, q. 182, a. 4, ad 1.3)

DELICADEZA: COISA DE BERÇO

Seja-nos consentido, ainda, duas breves observações sobre o que denominamos delicadeza de Santo Tomás. Em seu *Comentário ao Livro de Jó*, ao contrário do que muitos pensam, ele nos oferece algumas motivações para fazer da “sacra doutrina” uma ocasião de encontro e, como preferimos dizer hoje, de diálogo. Suas palavras são, assim pensamos, de surpreendente atualidade e muito podem contribuir para que o temor de lê-lo ou ouvi-lo se desfaça. Diz-nos ele considerando, sobretudo, o comportamento dos “amigos” de Jó:

O primeiro obstáculo na busca da verdade, consiste naquele tipo de discussão onde um não deseja escutar o que o outro diz, isto é, o que diz o adversário. O segundo obstáculo surge quando se rejeitam as razões ouvidas, gritando e injuriando [...] O terceiro obstáculo surge quando um não deseja buscar a verdade, mas a vitória e glória pessoal como ocorre, por exemplo, nas discussões litigiosas e dos sofistas: [pelo contrário] “falando, julgais o que é justo, isto é, admitindo quanto vos parece justo, resulta verdadeiro, e, negando, o falso. Se fizerdes, assim, não encontrareis iniquidade na minha língua, isto é, algo contra a justiça devida ao próximo, nem dentro da minha boca se encontrarão coisas estultas, isto é, algo contra a sabedoria, que nos fornece com exatidão a noção que devemos ter de Deus” (Bologna: ESD, 1995: c. 6, tradução nossa)

A “sacra doutrina” não é ideologia e, menos ainda, arma de guerra. Entre as suas funções está a de esclarecer e dar razões da própria fé e não a de se impor qualquer coisa que seja. Afinal, a verdade se difunde por si mesma e a ela não podemos aderir senão pelo fato de ser o que é: verdade. Em seu *Contra os Sarracenos* (mulçumanos), Santo Tomás explica que não pretende demonstrar a evidência intrínseca dos mistérios da fé (cremos em virtude da Revelação de Deus que não engana e não pode se enganar). A fé tem seu fundamento na autoridade de Deus e não na evidência intrínseca dos mistérios revelados (do contrário, não seria fé, mas evidência, isto é ciência empírica); mas é razoável, ou seja, não é fideísta nem irracional:

[...] disputando com os infiéis sobre os artigos da fé, não deves querer prová-la, com explicações racionais. Isto vai contra a sublimidade da fé, cuja verdade supera não somente a mente dos homens, mas também a dos anjos. Nós cremos no que dizem os artigos da fé porque foram revelados pelo próprio Deus. Todavia, o que procede da suma verdade não pode ser falso, assim como uma explicação racional não pode contradizer o que não é falso. Portanto, assim como a nossa fé não pode ser provada por meio de razões necessárias, visto que supera a mente humana, do mesmo modo, por ser verdade, não pode ser negada por meio de razões necessárias. A isto, porém, deve tender o cristão que disputa sobre os artigos da fé: não provar a fé, mas defendê-la. É por isso que o Apóstolo

Pedro disse: Não “sejais sempre preparados para demonstrar”, mas “para dar razões”; ou seja, a explicar de forma racional que o que crê a fé católica não é falso [absurdo] (Firenze: Clinamen, § 2, tradução nossa).

QUESTÃO DE ESTILO: E QUE ESTILO!

Fr. Luis de Valladolid descreve o estilo tomasiano como sendo “brevis stylus, grata facundia, firma, clara, celsa sententia”, isto é, estilo breve, palavra agradável, firme, claro e elevado juízo (apud FORMENT, Eudaldo. *San Tomás de Aquino. Su vida, su obra y su época*. Madrid: BAC, 2009 p. 697, tradução nossa). Por sua vez, Sofia Vanni Rovighi em *Introduzione a Tommaso D’Aquino*, observa: “Os escritos de Tomás, objetivos, redigidos em tom propositalmente impessoal, não nos dizem muito de seu caratê [...] todavia, é possível indicar alguns aspectos da personalidade de Tomás que procedem ou parecem proceder seja dos seus escritos, seja dos testemunhos” que chegaram a nós a seu respeito: “Devia ser um homem tenaz, sólido nos seus propósitos e nas suas convicções... Por outro lado, o seu modo de sustentar as suas próprias teses é sempre o menos polêmico possível: prefere interpretar a seu modo, do que polemizar” (Roma-Bari: Laterza, 2007, p. 38).

Não menos significativas são as observações de M. D. Chenu que, em *San Tommaso e La teologia*, bem contextualiza a vida e as obras de Santo Tomás: “Estes homens do Evangelho são os mais empenhados na civilização do seu tempo e abraçam todos os seus problemas [...]”. Dessa forma, a graça restitui a natureza a si mesma e a leva à perfeição, nas comunidades assim como nas pessoas, na ação como na contemplação: é o paradoxo evangélico, e, na sua formulação, a doutrina de Santo Tomás. Desta forma, a fé restitui a razão a si mesma... Uma teologia é evangélica quando é regra, melhor, quando confere à razão, aos seus métodos, aos seus objetos, o seu próprio valor; trata-se de garantir a liberdade da fé e a transcendência da palavra de Deus. E, por outro lado, “é realmente filosofar, fazer nascer uma teologia verdadeiramente cristã” (Torino: Gribaldi, 1977, p.15). Perguntando-se por qual motivo Santo Tomás não escreveu um específico tratado de espiritualidade, Jean Pierre Torrel, em *Santo Tomás de Aquino. Mestre espiritual*, observa:

A fé não adere a seu objeto de maneira estática. Animado por um desejo ardente que procede do amor [...] ela é mais e melhor que uma simples aceitação na obediência da revelação. É animada por um “certo desejo do bem prometido”[...] Esse desejo, que

impelido para o Bem ainda incompletamente conhecido e que se expande finalmente na caridade plenamente teológica, é o verdadeiro motor da pesquisa teológica. Santo Tomás resume isso num texto justamente célebre: “Impelido por uma ardente vontade de crer; o homem ama a verdade que crê, considera-a em seu espírito e a abraça com aquelas razões que ele pode encontrar para isso” (São Paulo: Loyola, 2008, p. 19).

O que dizer sobre tudo isso? Existe alguma coisa que possamos acrescentar? Sinceramente, pensamos que não. De fato, bem contextualizado, Santo Tomás torna-se ainda mais inteligível e sua contribuição na construção da teologia é bem e mais evidenciada. Da mesma forma que não exclui ninguém de suas discussões e buscas da verdade salvífica e humana, não deixa (talvez seja a única coisa que possamos dizer) de dar a sua pessoal contribuição; de fato, em cada artigo da *Suma Teológica* encontramos, sempre, um “respondo”. Neste “respondo” está o seu. A sua contribuição e originalidade. Mais. O “respondo” é fruto amadurecido do seu ser enquanto frade mendicante, homem de oração e profundo buscador de Deus. Nele, em Tomás, assim com em toda a espiritualidade dominicana, o estudo que serve à pregação (*Ordinis praedicatorum*) é, ao mesmo tempo, pesquisa, oração e forma de identificação com Deus. Por meio do estudo assim entendido, nos assemelhamos a Deus: amando, conhecemos e conhecendo, nos identificamos com o conhecido.

DEUS? É AMOR. AS MOTIVAÇÕES TOMASIANAS

É pois, nesta perspectiva, que devem ser entendidas as fadigas de Fr. Tomás de Aquino e o verdadeiro objetivo de seus escritos: transmitir e tornar conhecido Aquele Deus que tanto ama e para o qual consagrou a sua vida. São estas, em síntese, as suas mais profundas motivações. Motivações que estão bem longe de se transformarem, a não ser para quem pouco conhece a história dos seus textos e a espiritualidade que os anima, um simples exercício de erudição: o pregador não é só um erudito é alguém possuído pelo “sujeito” que prega. Dito isso, avancemos ainda na busca de suas motivações em textos que são, na realidade, pregações. Em seu comentário ao Credo, logo no início, ele diz: “A fé produz [em quem a possui] quatro bens: o primeiro, é a união da alma com Deus; o segundo, é um sentir-se já introduzido na vida eterna; o terceiro, uma guia segura na vida presente; o quarto bem, enfim, é a superação das tentações” (Bologna: ESD, 1999, p. 33-36).

Quando comenta o Pai Nosso, reafirma: “possui os cinco mais importantes requisitos que toda oração deve ter: a confiança, [o ser] reta, [o ser] ordenada,

[o ser] devota e humilde”. E no que diz respeito à Ave Maria, basta recordar o que segue: “Sendo ela preservada de toda maldição, a Virgem Maria pode ser considerada *“Bendita entre as mulheres”*, visto que somente ela cancelou a maldição e presenteou-nos com a benção [divina], abrindo a porta do paraíso. Por isso é conveniente que o nome de Maria seja interpretado no sentido de *“Estrela do mar”*, porque, com o auxílio da estrela do mar, os navegantes podem se dirigir ao porto; da mesma forma, os cristãos, por meio de Maria, são guiados rumo à glória que, esperamos, ela nos conduzirá” (Bologna: ESD, 1999, p. 187-188).

E o Comentário aos Dez mandamentos? Que sentido tem esta pregação para a grei do Senhor e que proveito pode o povo santo tirar dela? A resposta de Santo Tomás pode ser condensada nestas breves observações: “Para se salvar, o homem precisa de três coisas: conhecer o que deve crer, o que deve desejar, e o que deve fazer. A primeira coisa é ensinada no *Símbolo* que é suma dos artigos da fé [a síntese de toda a Revelação contida nas Escrituras e na Tradição da Igreja]; a segunda coisa está contida no *Pai Nosso* ou *Oração do Senhor*; e a terceira, está contida na *Lei*” (Bologna: ESD, 1999, p.196). E a Caridade com seu duplo preceito (amor a Deus e ao próximo): A resposta de Santo Tomás é: “... produz uma paz perfeita... ilumina o coração... obtém uma perfeita alegria... e uma paz perfeita; finalmente, confere ao homem uma grande dignidade: faz do homem um “amigo” e não servo de Deus” (p. 204-206).

Acreditamos ter chegado ao essencial: as motivações das obras e pregações de Santo Tomás estão, ainda que de forma apenas suficientes, bem explicitadas. Como dizia Guglielmo de Tocco, “secretário” de Santo Tomás, ele nunca deixou de colocar questões novas e, nem mesmo, de apresentar soluções novas, mesmo se considerou ser ofício do sábio ou teólogo, expor, também, a doutrina católica. O poder do intelecto e força regeneradora da fé estão precisamente aqui: em saber tirar do baú, do tesouro da fé, coisas antigas e novas. Nisto se mede a teologia, a inteligência e a fé em que o teólogo se propõe aprofundar: “Uma vez bacharel, tendo começado, nas suas lições, a difundir o que tinha deliberado no silêncio, Deus lhe infundiu uma tão grande ciência que se difundia dos seus lábios uma tão grande doutrina, que parecia superar todos os outros mestres e ,mais do que eles ,atrair os estudantes, por causa da clareza da doutrina e do amor à ciência”. E continua:

De fato, nas suas lições, introduzia novos artigos, encontrava um modo novo e claro para resolver as questões, acrescentando sempre, nas soluções, novas razões; desta forma, ninguém, que o tenha escutado ensinar doutrinas novas e resolver com motivações no-

*vas as questões duvidosas, podia duvidar do fato de que Deus o tinha iluminado com os raios de uma luz nova” (apud BIFFI, Inos. *Alla scuola di San Tommaso*. Milano: Jaca Book, p. 53, tradução nossa).*

O TEÓLOGO É CRIATIVO, MAS NÃO CRIADOR

Nada de árido e incompreensível, pelo menos, para os seus tempos! De fato, escreve, em seu comentário, a Boécio:

*A contemplação da sabedoria pode justamente ser comparada a um jogo por duas razões: em primeiro lugar, porque o jogo é motivo de alegria, e a contemplação da sabedoria é a fonte da maior de todas as alegrias; em segundo lugar, no jogo, os movimentos são procurados por si mesmos e não são ordenados a outra coisa. O mesmo ocorre com o prazer que provoca a sabedoria e que não tem outra causa fora de si mesmo; disto resulta, que não produz nenhuma ansiedade, ou seja, como se nela faltasse alguma coisa” (Bhoeth. *De hebdom.*, prol., tradução nossa).*

No mais, a teologia de Santo Tomás não tem nome. É simplesmente “sacra doutrina”, termo que é bem mais rico e amplo do que hoje entendemos por teologia. Abraça a Escritura, a Tradição, os Santos Padres, os grandes Mestres em teologia, e assim por diante. A questão tem, nos parece, uma razão de ser: se teologia é discurso sobre Deus (sujeito da teologia) e na perspectiva da Revelação (objeto formal), será sempre atual; nada é mais necessário ao homem do que Deus. No centro do atual pontificado, está justamente a questão de Deus que, por tantas razões, inclusive por um encolhimento da razão, ou mesmo por falta de fé sobrenatural, é deixada à margem do mundo e da existência! E não se deve temer este fato. Nada existe de mais antigo do que Deus e o seu Verbo, em vista do qual e para o qual, tudo foi feito.

Recebido e aprovado em 14/03/2011